

SE ENCONTRAR NO FORA: ROUSSEAU E REVERBERAÇÕES DE SI EM DEZ CAMINHADAS

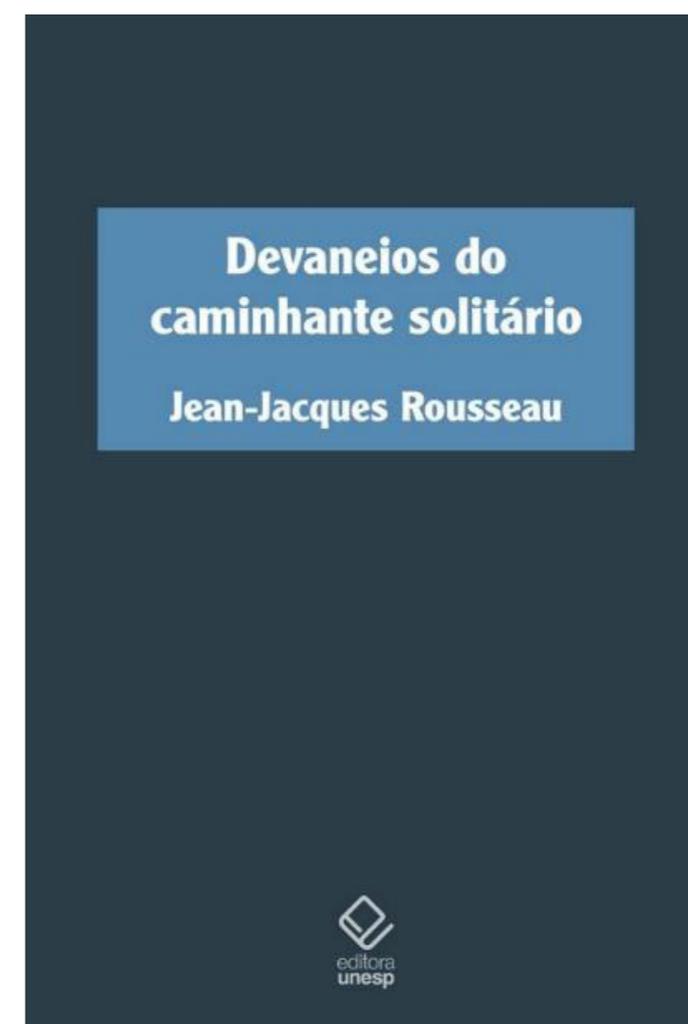
Daíza de Carvalho Lacerda¹

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Devaneios do caminhante solitário. Trad. Jacira de Freitas; Claudio A. Reis. 1ed. São Paulo: Unesp, 2022. 184 p. ISBN 9786557110638.

O desapego do julgamento da sociedade sobre si, “apesar dos homens”, transfigura-se numa libertação resultante do encontro consigo mesmo, ao se perder em longas caminhadas. Para verter esse desprendimento (e o prazer que o mesmo proporciona) em palavras, qualquer método, encadeamento ou sistema é dispensado. Este é o preâmbulo de Jean-Jacques Rousseau na primeira das dez caminhadas de seus “Devaneios”, seus últimos escritos, os quais considera um apêndice de suas “Confissões” – embora rejeite a repetição do termo, por achar que não há mais nada a confessar no estado no qual se encontrava, pontuado com a nulidade ou abstenção

¹ Jornalista, professora de educação básica no Estado de São Paulo e mestranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA) da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp - Limeira-SP. daizaclacerda@gmail.com.

✉ R. Pedro Zaccaria, 1300, Limeira, SP. 13484-350.



Se encontrar no fora: Rousseau e reverberações de Si em dez caminhadas

– “sou nulo entre os homens, e isso é tudo o que posso ser”; “a abstenção se tornou meu único dever, e o cumpro na medida em que me cabe fazê-lo” (p. 36).

Com apresentação e tradução de Jacira de Freitas, a obra editada pela Ed. Da Unesp em 2022 seria a quarta publicada em língua portuguesa², trazendo os paradoxos, inquietações e pacificações do homem (mais do que o filósofo, escritor ou músico) no fim da vida. A amargura de Rousseau permeada pelo ranço a seus detratores e à geração da qual esperava redenção pelas injustiças, voltada aos outros, é metamorfoseada numa plenitude de espírito, concentrada em si: “Entreguemo-nos por inteiro à doçura de conversar com minha alma, já que é esse o único prazer que os homens não podem me tirar” (p. 35).

Ao se ater àquilo que tinha (como as contemplações encantadoras durante as caminhadas), em vez do que lhe faltava (a aprovação de classes como a dos médicos e oratorianos), Rousseau lamenta o tempo perdido, mas comemora a sabedoria ganha – ainda que “tarde”, ao tomar a decisão de “não resistir ao seu destino” (p.38). Suas elucubrações são pertinentes no século XXI, com pessoas reféns das *selfies* e das aprovações públicas computadas em cliques, *views* e dependentes do direcionamento de algoritmos, numa ostentação de aparências em contraposição à essência.

Em uma contemporaneidade na qual é quase inimaginável a troca de três horas de tela de celular ao dia por três horas de caminhadas semanais, antíteses cirúrgicas de Rousseau potencialmente inerentes à vida desafiam o estado de sofrimento físico: “A própria dor física, em vez de aumentar minhas penas, distrai-me delas. Ao arrancar-me gritos, talvez ela me poupe dos gemidos, e os dilaceramentos do meu corpo suspendem os do meu coração” (p.31).

Reconhecendo as progressões das limitações físicas e de produção, com “mais reminiscências do que criação” (p. 39), o filósofo encontra nas deambulações o foco e introspecção ora invejáveis em tempos de distrações e notificações sem fim, mas que pareciam, também, dádivas num contexto desafiador: “Essas horas de solidão e de meditação são as únicas do dia em que sou plenamente eu e me encontro comigo sem distração ou obstáculo, nas quais posso dizer, verdadeiramente, que sou o que a natureza quis que eu fosse” (p. 39). Um estado de espírito “que só pode ser conhecido quando é sentido” ao qual agradece aos seus algozes, pois, sem eles, jamais teria encontrado os tesouros que trazia dentro de si, como descreve no texto da segunda caminhada (p. 40), o mesmo em que narra o infortúnio que lhe rende ferimentos ao final de uma caminhada, insuficientes para fazer-lhe parar ou optar por uma condução para voltar para casa.

² Na apresentação da presente edição, a tradutora lista o exemplar de 2008, da L&PM, com tradução de Júlia Rosa Simões; da Edipro, de 2017, com tradução, introdução e notas de Laurent de Saes; e a da Nova Alexandria, de 2018, com tradução de Fúlvia M.L. Moretto (que também assina a edição UnB, de 1991, não citada por Freitas). Todas as edições mantiveram o mesmo título em português.

Se encontrar no fora: Rousseau e reverberações de Si em dez caminhadas

Entre os dilemas do filósofo iluminista que condenou a desigualdade e perpetrou o elogio à liberdade, está o tempo de fruição da sabedoria, a qual questiona, mas parece se encontrar ao fazer suas divagações:

Sem dúvida, a adversidade é uma grande mestra, mas ela cobra caro por suas lições e, em geral o proveito que se tem não vale o preço que custaram. Além disso, antes que tenhamos adquirido sabedoria com lições tão tardias, a oportunidade de usá-la passou. A juventude é a época de estudar a sabedoria, e a velhice, a de praticá-la. A experiência sempre instrui, reconheço; contudo, é proveitosa apenas para o que temos à nossa frente. No momento de morrer, haverá tempo de aprender como deveríamos ter vivido? (p. 53).

O tom de Rousseau é de alguém no fim da vida, no cansaço das “brigas” (algumas reais, outras com contornos e dimensões imaginárias, como ressalva Freitas na apresentação) num mundo em transformação histórica em termos de pensamento e de revoluções. O expoente do Iluminismo morre com 66 anos, em 1778, tendo delimitado, na juventude, os 40 como um marco para “viver” cada um dos dias sem pensar no futuro. Essa entrega ao *carpe diem* e ao desapego material se mostra tão acertada quanto a escolha de não se igualar aos seus detratores, evitando pagar suas injúrias na mesma moeda. “Posso datar dessa época minha total renúncia ao mundo e o gosto acentuado pela solidão que, desde então, não me abandonou” (p. 59), dando lugar a constatações como a de que dava aos aborrecimentos mais importância do que realmente tinham, e encontrando no repouso da consciência uma fortaleza.

Da ojeriza à mentira e dever da verdade (assim como a relativização de suas condições) à descrição de paisagens e lugares, na veia campestre e ambiental, as trajetórias psíquicas e físicas de Rousseau dão vazão à fuga da civilização, aquela que pregou como a origem do mal dos homens. No contexto de outra fuga, após ter sido atacado onde morava devido à má fama de seus escritos e desentendimentos com clérigos (p. 97), celebra o ócio da época que crava como os melhores dois meses de sua vida, no refúgio à ilha de Saint-Pierre. A oposição da pacífica natureza à barulhenta vida urbana é desenhada delicadamente:

Como não há, nessas felizes paragens, estradas convenientes à passagem de veículos, a região é pouco frequentada por viajantes; mas é interessante, para os contemplativos solitários que amam se inebriar a esmo com os encantos da natureza e se recolher num silêncio que não seja perturbado por outro ruído além do grito das águias, do gorjeio entrecortado de alguns pássaros, e do rumor das torrentes que caem da montanha (p. 94).

Empoleirado aos galhos das árvores ou deitado num barco com os olhos voltados ao céu, “o bom selvagem”, em sua fuga da corruptível sociedade, deixava-se à deriva “em mil devaneios confusos, mas deliciosos, e que, sem terem nenhum objeto determinado ou constante, não deixavam de ser, na minha opinião, cem vezes preferíveis a tudo o que encontrara de mais doce nos assim chamados prazeres da vida” (p. 98-99). Dois séculos e meio depois, que pensaria

Se encontrar no fora: Rousseau e reverberações de Si em dez caminhadas

Rousseau de uma sociedade que vende o *mindfulness* em meio à potente poluição sonora que impede a audição até dos próprios pensamentos?

Rousseau é, no entanto, contemporâneo ao se perceber desviando dos mesmos “obstáculos” que os passantes das atuais metrópoles: os mendigos. Cita um em especial, que tratava com cortesia, até optar por evitar o falatório do rapaz deficiente em seu caminho. É num devaneio que se dá conta de que o desvio se tornara um hábito – não pelo risco de ameaças diretas em potencial, como nas cidades dos anos 2000, mas para evitar o aborrecimento e conservar a sua solitude. A caridade que se transforma em obrigação ganha um momento de reflexão do autor teórico sobre as desigualdades, na confissão do incômodo que nascera do compartilhamento da prosperidade: “[...] dessas primeiras boas ações, feitas com efusão no coração, nasciam cadeias de compromissos sucessivos que eu não havia previsto e de que eu não podia mais me livrar” (p. 109).

Não ser obrigado a determinadas coisas se mostrou como uma necessidade para o efeito das ações, fatalmente ligadas à liberdade. “Vi que, para fazer o bem com prazer, seria preciso agir livremente, sem constrangimento, e que, para perder toda a doçura de uma boa obra, bastaria que ela se tornasse, para mim, um dever” (p. 110), escreveu o homem que viveu o início da revolução industrial com o confinamento de homens e mulheres em fábricas, trocando suas horas de vida por dinheiro – que seria, por sua vez, trocado por coisas.

O avanço da idade também levou o filósofo a fazer trocas, ainda que parte delas não fosse uma opção, mas uma consequência da memória que se esvaía. Vivendo em Paris enquanto sexagenário, se desfez de seus herbários e livros, mantendo as contemplações sem guias escritos em suas caminhadas e se impondo o desafio de decorar informações não simplesmente **de** plantas, mas de **todas as** plantas.

De repente, com 65 anos completos, privado do pouco de memória que tinha e das forças que me restavam para correr os campos, sem guia, sem livros, sem jardim, sem herbário, eis-me retomado por essa loucura, porém, com ainda mais ardor do que tive ao entregar-me a ela pela primeira vez [...]

Não procuro justificar a decisão que tomo ao seguir essa fantasia; considero-a muito sensata, persuadido de que, na posição em que me encontro, dedicar-me aos passatempos que me agradam é uma grande sabedoria e, mesmo, uma grande virtude: é o meio de não deixar germinar em meu coração nenhuma semente de vingança ou de ódio (p. 122-123).

Se encontrar no fora: Rousseau e reverberações de Si em dez caminhadas

NUANCES DO SELF

A escolha de se entregar aos seus próprios prazeres, mesmo reconhecendo as suas limitações, é entoada como uma vitória sobre os seus perseguidores – estes, jamais esquecidos –, pois vê a sua felicidade como a melhor punição a eles, e apesar deles.

Rousseau divaga ainda sobre o que poderíamos chamar atualmente de vitimismo. A quem culpar sobre as mazelas de nossa vida, ou aquelas consequentes de nossas ações? Chama atenção a personificação do destino, para que tenhamos a “quem” culpar, de forma que “em todos os males que nos advêm, olhamos mais a intenção do que o efeito” (p. 146). Para tanto, “opta” pela passividade diante das adversidades, submetendo-se a elas “sem raciocinar e sem resistir, pois, isso era inútil” (p. 147). Mas o coração não seguiu a razão, e o amor-próprio se mostrava como um obstáculo a ser desviado em nome da paz de espírito com o que está além dos nossos poderes.

A estima de si é o maior móbil das almas ativas; o amor próprio, fértil em ilusões, se disfarça e se faz passar por essa estima. Mas, quando a fraude enfim é descoberta, o amor-próprio não pode mais se esconder. Desde então, não mais amedronta, e, ainda que o sufoquem com dificuldade, pelo menos o subjugamos facilmente (p. 147-148).

Nesta seara, a tradutora nos orienta, à luz de outros escritos autobiográficos como os “Diálogos”, das diferenciações de Rousseau acerca do **amor-próprio**, de onde “nascem todas as paixões rancorosas e cruéis” e o **amor de si**, do qual advêm “todas as paixões ternas e doces” (p. 151).

Fora das oposições conceituais, o filósofo dá como certa a existência da felicidade, mas reconhece que esta não foi feita para o homem. Ela é permanente, mas o estado do homem, não – e é preciso estar ciente de uma vida de descompassos. Se tudo muda, os projetos para a vida são quimeras:

Aproveitemos quando vem o contentamento de espírito, evitemos afastá-lo por nossa culpa e não façamos projetos para aprisioná-lo, pois tais projetos são puras loucuras. [...] A felicidade não apresenta nenhum sinal exterior; para conhecê-la seria preciso ler o interior do coração do homem feliz. Mas o contentamento pode ser lido nos olhos, no porte, no acento, no caminhar, e parece se comunicar diretamente àquele que o percebe (p.157).

Este estado de plenitude é descrito na décima e última caminhada, quando rememora o momento em que havia conhecido a baronesa de Wirens, tutora de grande influência intelectual e espiritual. Ele com 17 anos, ela com 28. Passados 50 anos, a lembrança dos tempos, texturas e gostos que o formaram são a definição do êxtase de existir – que não se mantivera em sua vida adulta. É também a origem do gosto pela solidão e pela vida campestre, tendo

Se encontrar no fora: Rousseau e reverberações de Si em dez caminhadas

vivido em uma casa onde, “por quatro ou cinco anos, desfrutei de um século de vida e de uma felicidade pura e plena, que cobre com seu encanto tudo o que meu destino atual tem de terrível” (p. 177).

Mais curto do que todos os outros, o relato inacabado se soma a pelo menos outros três rascunhos que não tiveram os manuscritos concluídos, já que o filósofo morreu em 2 de julho de 1778. A tradução foi feita a partir da reprodução do único manuscrito existente (edição da Pléiade com introdução e notas de Marcel Raymond), como explica Freitas na apresentação.

Cabem algumas considerações sobre a edição. Com um amplo catálogo, e parte considerável deste voltado à Filosofia, é lamentável que a editora ainda omita o nome dos tradutores nas capas, tendo em vista que este é justamente o diferencial de uma obra já contemplada em outras casas. Esta omissão é uma prática comum das editoras, quando o nome do tradutor na capa deveria ser a regra, em vez da exceção. Vai na contramão da publicidade mais objetiva do que, de fato, está sendo oferecido ao leitor: as escolhas e interpretações de determinado profissional, sobretudo em relação a obras de fôlego como a transposição de escritos de um dos maiores pensadores da Filosofia. Esta primeira edição também traz o erro no ano de morte na orelha do livro: 1776, quando o correto é 1778, uma questão de revisão que não desmerece pontos fortes como a riqueza de notas explicativas como a contextualização de locais à época relatada, feitas pela tradutora.

Em sua apresentação, Freitas lista todas as edições publicadas a partir de 1950, além de um arcabouço de estudos do conjunto dos “Devaneios” e das caminhadas individualmente. A bibliografia inclui alguns trabalhos em língua portuguesa, disponíveis em livros e revistas acadêmicas. Além de contextualizar o filósofo nos dois últimos anos de vida e que se encontra nas “jornadas de sua alma”, ela justifica o uso da palavra **devaneios** na tradução de *rêveries*, do original em francês. Na Idade Média, *rêver* remetia a “pensar profundamente”, em significado transformado em “desordem do pensamento” no decorrer do tempo e mantido no século XVIII, agregando ainda o teor de “entorpecimento de sentidos” à época de Rousseau.

Essa peculiar forma de “meditação” traduz o estado de espírito que o filósofo procura obstinadamente descrever nos Devaneios, um estado capaz de nos retirar da dimensão da vida cotidiana e nos tornar, de certo modo, ausentes, desligados, ainda que por apenas alguns momentos, dos arroubos intelectuais de nosso espírito. Jean Wahl definiu de maneira precisa essa formulação, algo impensável para o racionalismo cartesiano: para Rousseau, eu sou porque mal penso, ou melhor, eu sou quando não penso (p. 9).

A definição vai de encontro às exposições pontuais do autor de não se ater a métodos para a escrita das caminhadas, a não ser pela única regra de seguir a sua própria vontade. Trata-se de aspirações que soam utópicas no século XXI, quando a vida é mais longa, mas de qualidade questionável.

Se encontrar no fora: Rousseau e reverberações de Si em dez caminhadas

Ao mesmo tempo que mostra ter superado os seus inimigos, Rousseau não deixa de citá-los, de pontuar sua existência. Esta revanche é, no entanto, frutífera em pensamentos, palavras e ações. Mais do que sair do lugar (físico e psíquico), dar-se o direito de “desligar” é um legado que poderia ser reapropriado pela civilização que só ficou mais complexa após a sua morte. Numa contemporaneidade pródiga em vender soluções para problemas criados por ela mesma, o senso do *self* da essência, e não da aparência, viria a calhar ao molde rousseauiano:

O hábito de entrar em mim me fez perder, por fim, o sentimento e quase a lembrança de meus males; aprendi, assim, por minha própria experiência, que a fonte da verdadeira felicidade está em nós, e não depende dos homens tornar miserável aquele que quer ser feliz (p. 40). 